

Percursos profissionais e mobilidades intra-europeias: a participação das mulheres investigadoras em programas de intercâmbio científico (TMR)

Isabel Baptista ()*

*Helóisa Perista (**)*

O Projecto de investigação: contexto e objectivos

A presente comunicação decorre da participação das autoras num projecto mais amplo sobre a Participação das Mulheres Investigadoras no Programa de Intercâmbio Científico intitulado TMR (Training and Mobility of Researchers), projecto esse que decorreu entre Setembro de 1998 e Setembro de 1999, tendo sido coordenado pela Universidade de Leeds, no Reino Unido, com a colaboração do CESIS e da Universidade de Uppsala na Suécia.

Tendo como objectivo obter informação relevante sobre a participação e o papel das mulheres investigadoras no TMR, o estudo definiu como essenciais as seguintes dimensões de análise:

- Identificar e analisar os obstáculos que se colocam à formação e mobilidade das mulheres investigadoras;
- Perceber o grau de conhecimento, por parte das mulheres investigadoras, deste tipo de oportunidades promovidas no âmbito da União Europeia, por parte das mulheres investigadoras.

Pretendeu-se assim, aprofundar o conhecimento sobre a posição das mulheres na investigação em todos os países membros da UE, para o que se privilegiou uma metodologia assente nas seguintes etapas:

- Estudo bibliográfico e documental em todos os países membros;
- Identificação e descrição de iniciativas nacionais de promoção da participação das mulheres em actividades de investigação;
- Análise de dados estatísticos relativos ao Programa TMR;
- Entrevistas em profundidade com investigadoras e investigadores, envolvidos no TMR, enquanto bolseiros/as¹;
- Entrevistas com interlocutores/as privilegiados/as em todos os países membros
- Preparação das conclusões e recomendações visando aumentar/melhorar a participação feminina em actividades de investigação.

A componente mobilidade na progressão da carreira das/os investigadoras/es

A comunicação que aqui se apresenta tem como principal objectivo analisar a importância do factor mobilidade para o desenvolvimento das carreiras profissionais das/os investigadoras/es, não apenas no contexto específico do Programa TMR - que assenta precisamente na mobilidade enquanto recurso a mobilizar com vista à progressão na carreira científica - mas também nos contextos individuais e familiares

* Investigadora no CESIS - Centro de Estudos para a Intervenção Social.

** Investigadora no CESIS - Centro de Estudos para a Intervenção Social.

¹ Seleccionados com base nos resultados de um questionário postal, realizado numa fase anterior do Projecto, junto de todos/as bolseiros/as TMR.

das/os investigadoras/es, nomeadamente analisando as consequências dessa "opção" nos percursos de vida dos indivíduos.

Com efeito, embora não tenha sido possível encontrar diferenças significativas na propensão à mobilidade por parte das/os investigadoras/es mais jovens, não podemos assumir que o universo de potenciais jovens investigadores na UE encare estas oportunidades migratórias da mesma forma. Pode acontecer, por exemplo, que este tipo de oportunidades seja particularmente atractivo para aqueles jovens cuja experiência migratória (de curta, média ou longa duração) os tenha motivado e disponibilizado para "viajar". Por outro lado, a "atração" por este tipo de percurso pessoal e profissional pode eventualmente decorrer de uma ausência de escolha, que reflecta os constrangimentos sentidos ao nível do mercado de trabalho dos seus países de origem.

Tudo isto coloca necessariamente a questão de até que ponto o requisito de mobilidade, implícito na adesão ao TMR, tem ou não um impacte em termos de género. Será a mobilidade encarada da mesma forma por homens e mulheres? Estarão uns e outras igualmente disponíveis, capazes e motivados para aproveitar oportunidades de progressão profissional que impliquem mobilidade? Poderão factores ligados ao percurso de vida dos indivíduos - tais como situação conjugal, constituição de família - condicionar as atitudes das/os investigadoras/es face à mobilidade e, se tal acontecer, serão esses impactes diferentes para homens e mulheres?

São estas algumas das questões sobre as quais se pretende, embora de forma necessariamente breve, deixar aqui o nosso contributo.

Mobilidade no feminino: ausência ou invisibilidade?

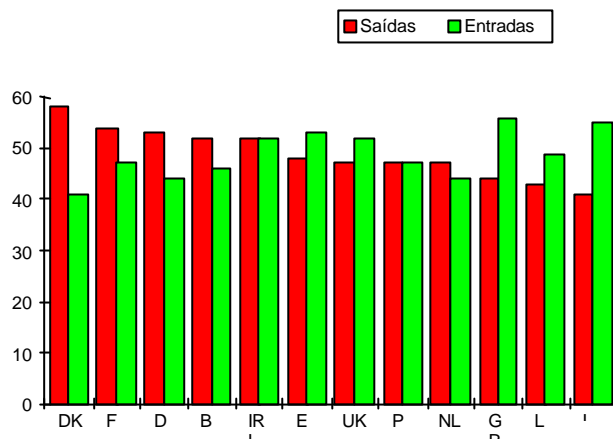
Muita da literatura e da investigação produzida no domínio da igualdade de oportunidades tem-se dedicado essencialmente a questões como a discriminação laboral, a conciliação da vida profissional e familiar,... Poucos têm sido os estudos a abordar a questão das mobilidades, nomeadamente das mobilidades intra-europeias². Porém, no contexto da União Europeia, de globalização e de desenvolvimento de novos mercados de trabalho, torna-se indispensável dar uma atenção crescente às questões da mobilidade no sentido de contribuir para uma melhor compreensão das trajectórias profissionais e familiares dos cidadãos/ãs europeus/eias.

Embora se assuma, com frequência, que as mulheres têm uma menor mobilidade do que os homens e, que, quando migram, a sua mobilidade decorre directamente da mobilidade dos respectivos parceiros (modelo tradicional em que o homem é o principal sustento da família), os dados mais recentes³ do Eurostat vêm precisamente pôr em causa este mito da migração predominantemente masculina.

² Ver a este propósito Ackers, H.L. (1998) *Shifting Spaces. Women, Citizenship and Migration within the EU*, Bristol: Policy Press e Boyle, P.J. et al (1999) "Microdata for migration analysis: lessons from a cross-national study of the effects of family migration on partnered women's employment status", *International Journal of Population Geography*, Vol.5, pp. 157-178.

³ Disponíveis com desagregação por género.

Gráfico 1 - A participação das mulheres nos fluxos migratório intra-europeus (EU) por nacionalidade, 1992



Fonte: Eurostat Rapid Report No. 8, 1993 & Eurostat Demographic Data 1994.

Se as mulheres representam pouco menos de 50% de todos os migrantes da EU, o gráfico 1 permite-nos analisar as variações por género entre os diferentes países, consoante o sentido dessa migração. Assim, países como a Dinamarca, a França, a Alemanha, a Bélgica e a Irlanda "exportam" uma maior proporção de mulheres do que de homens, contrariamente a países como a Espanha, a Grécia, a Itália o Luxemburgo e o Reino Unido onde a proporção de entrada de mulheres é claramente superior à dos homens.

Estudos empíricos aprofundados junto destas mulheres migrantes⁴ mostraram que muitas destas mulheres migraram enquanto solteiras, e não - conforme frequentemente se assume - como companheiras passivas de um companheiro que é o principal sustento da família. Neste sentido, as mulheres jovens, solteiras apresentam a mesma propensão à mobilidade que os jovens na mesma situação. Não deixa, contudo, o mesmo estudo de salientar que o casamento e a subsequente constituição de família constituem simultaneamente obstáculos à mobilidade e rupturas importantes na progressão da carreira profissional de muitas destas mulheres, nomeadamente quando a carreira do companheiro exige uma mobilidade continuada.

No domínio da ciência e da investigação, esta relação entre trajetórias profissionais, progressão na carreira e mobilidade não é uma realidade nova. Neste sentido, o Programa TMR não veio tanto introduzir uma dimensão completamente nova na vida das/os jovens investigadoras/es, mas sobretudo aumentar o potencial de mobilidade destes jovens europeus, permitindo-lhes o desenvolvimento de carreiras de investigação.

Propensão à mobilidade: uma experiência aprendida?

O estabelecimento de laços, de relações profissionais - e pessoais - durante estadias anteriores ao TMR, quer ao nível da pré-licenciatura quer da pós-graduação, revelou-se crucial nas opções de mobilidade subsequentes. As entrevistas com os/as bolsiros/as (e em particular das conversas em torno das suas histórias de mobilidade) sugerem que, mais do que precipitar a mobilidade, o

⁴ Ver a este propósito Ackers, H.L. (1998) op. cit.

programa TMR, possibilita alargar essas experiências anteriores. Em muitos casos, os/as bolseiros/as tinham já estabelecido contactos prévios ou tinham mesmo residido no país de acolhimento e a bolsa tornou-se um instrumento fundamental para desenvolver esses contactos, e aí desenvolver uma carreira profissional. Com efeito, cerca de 62% das/os entrevistadas/os tinham residido fora do seu país de origem, antes da sua candidatura ao TMR. No caso das mulheres a proporção era inferior à dos homens (42%).

Entre o tipo de experiências anteriores de mobilidade (no período de licenciatura) foi possível identificar a participação das/os entrevistadas/os em programas de intercâmbio estudantil, nomeadamente no programa ERASMUS. A sua participação neste e noutro tipo de programas é encarada como um factor propiciador da apresentação posterior de candidatura ao TMR, tendo sido referido pelas/os investigadoras/es como principais efeitos dessa experiência: desde um aumento da auto-confiança (aquisição de hábitos de viajar sózinha/o), até ao aperfeiçoamento das competências linguísticas e ao estabelecimento de relações específicas com instituições ou supervisores potenciais.

Afterwards I worked for one year in Paris and since 1995 I am in [the UK]. This experience encouraged me to apply for TMR. (Bolseiro TMR)

Uma avaliação recente⁵ do Programa ERASMUS refere que a participação das mulheres neste programa na última década foi superior a 50%, embora os níveis de participação variem substancialmente consoante as disciplinas (73% nas Humanidades e 38% nas Ciências Naturais e Engenharias). Este tipo de distribuição parece reflectir a própria representação das mulheres na Ciência, nos diferentes estados membros, pese embora os autores refiram o facto de "em todas as disciplinas, as mulheres estarem ligeiramente mais representadas entre os estudantes ERASMUS do que entre a população estudantil em geral"⁶. Parece, assim, que as estudantes universitárias (tipicamente jovens e solteiras) são tão ou mais propensas à mobilidade como os seus colegas masculinos, pelo que a sua sobrerrepresentatividade ao nível do ERASMUS e comparando com o TMR, reflectirá não só o facto de se tratar de uma população mais jovem, mas também a maior abrangência daquele programa ao nível das disciplinas (as Línguas e Literaturas bem como as Artes não são abrangidas pelo TMR, por exemplo). Refira-se, ainda, que, também ao nível do ERASMUS, é possível identificar uma maioria de estudantes (80%) que haviam já residido no estrangeiro antes da sua participação neste programa.

I was here in the same department as an undergraduate [as an ERASMUS student] and I stayed for seven months working with the same supervisor so he was interested in getting me back as soon as I graduated and when I asked him if he could find any funding, he mentioned TMR. (Bolseira TMR)

Já a um nível pós-universitário, é possível identificar entre as/os entrevistadas/os dois perfis distintos entre aqueles que tinham experiência de mobilidade anterior: um primeiro cuja experiência de mobilidade não está necessariamente ligada ao país ou à instituição de acolhimento do TMR e um segundo grupo que havia estabelecido contactos directos com a instituição de acolhimento na fase anterior ao TMR, contactos esses que serviriam posteriormente como base para apresentação das respectivas candidaturas ao Programa. Numa ou noutra situação, também entre estas/es investigadoras/es, este período de estudo no

⁵ Teichler, U. e Maiworm, F. (1997) *The ERASMUS experience. Major findings of the ERASMUS Evaluation Research Project*, Brussels: CEC.

⁶ Teichler, U. e Maiworm, F. (1997), op. cit., p.39.

estrangeiro parece ter despoletado (ou fortalecido) o gosto por viajar, dando-lhes mais confiança no sentido de considerarem a probabilidade de novas mobilidades, encaradas como experiência fundamentalmente positiva e enriquecedora, mesmo do ponto de vista pessoal.

Para a propensão à mobilidade entre as/os investigadoras/es parece pois contribuir de forma decisiva a existência prévia de experiências migratórias, reforçando-se afinal a ideia de que a importância das trajectórias migratórias e do estabelecimento de redes de relações (pessoais ou profissionais) é fundamental para se compreender a participação dos indivíduos nos esquemas de mobilidade intra-europeia.

Expectativas de mobilidade e progressão na carreira científica

As expectativas de mobilidade e a sua maior ou menor importância em diferentes países e disciplinas podem igualmente constituir factores de estímulo ou de bloqueio à participação das investigadoras quer no TMR, quer ao nível da prossecução das suas carreiras científicas.

A importância destas expectativas - diferentes entre países e consoante as disciplinas - estão relacionadas, por um lado com as características do mercado de trabalho científico no país de origem (percepção da qualidade das instituições, dimensão do mercado e das oportunidades, entre outras), por outro lado, com a existência (ou não) de medidas que encorajem a mobilidade das/os investigadoras/investigadores (caso das bolsas de retorno) e finalmente com factores de natureza cultural (nomeadamente as próprias tradições migratórias dos países em causa).

No que se refere às características do mercado de trabalho, foi possível identificar uma percepção negativa generalizada no que se refere às oportunidades de trabalho na área científica nos países mediterrânicos e em França. Esta falta de oportunidades resulta nalguns casos particularmente grave para as mulheres, na medida em que parece surgir associada a "critérios" de selecção que impedem a igualdade de acesso. A atractividade exercida sobre as mulheres investigadoras de países como o Reino Unido, a Alemanha e outros países do Norte da Europa resulta também de uma percepção de que os processos de selecção são mais transparentes e mais objectivos nesses países, por oposição aos países de origem.

The reason [for applying] is quite obvious. After the end of the PhD we are forced to find jobs all around the world. For two main reason. One because it is really difficult to find a job, so one tries everything, and the second thing is that it is much better to travel around and to have good experience in places all around the world - It is very difficult in Italy to find a good job after a PhD. (Bolseiro TMR)

I finished my PhD two or three years ago and I wanted to do research and in my own country, Portugal, I couldn't get a grant. The only grants that were available were to go abroad. The only chance I had if I really wanted to do research was to leave Portugal. We can only continue with research in Portugal if we have grants or if we belong to a university staff and I didn't have a university staff position, it is very difficult. (Bolseira TMR)

When I applied to university [in Spain] I couldn't get a grant since it is this kind of policy that we give a grant to people who have got the 'right' grant in the beginning. If you try to connect in the middle of this process, it is very difficult. (Bolseiro TMR)

Embora variando consoante as áreas científicas em causa, torna-se notória a importância crescente de uma experiência internacional (europeia ou americana)

para a progressão das carreiras científicas, tornando-se nalguns casos uma quase pré-condição para o sucesso da carreira da investigador/a no país de origem. A análise das entrevistas sugere que quer os investigadores, quer as investigadoras, sentem idênticas pressões no sentido de adquirir essa experiência internacional.

The tradition in the academic community in Greece is that unless you become a real star abroad...a very well known person in the academy...either in Europe or particularly in the States.....Unless you become a real star abroad you are not offered a faculty position. (Bolseiro TMR)

In Finland, the system is that if you seriously want to make a university research career you have to take a postdoc, you simply have to go abroad and create international relations. (Bolseira TMR)

A capacidade de uns e outras darem resposta a este tipo de expectativas pode, contudo, depender de circunstâncias pessoais e familiares que, como veremos, mais frequentemente podem afectar as mulheres na prossecução das suas carreiras profissionais.

Mobilidade e vida familiar: os desafios da conjugalidade

No caso específico do presente estudo todas as pessoas entrevistadas haviam já tomado a decisão de migrar, ou seja, não nos é possível no âmbito desta pesquisa conhecer as perspectivas e as experiências dos potenciais candidatos que não chegaram a concretizar esse desejo devido a preocupações decorrentes da necessidade de se deslocarem para outro país e das consequências previstas de deixar (ou partir com) o respectivo/a companheiro/a e filhos.

Porém, no discurso produzido pelas/os entrevistadas/os, é possível identificar aspectos interessantes relacionados com as preocupações e os obstáculos que encontraram nas diferentes fases do processo de mobilidade e que podem contribuir para uma melhor compreensão dos factores que influenciam as tomadas de decisão nestes processos migratórios, desencorajando nalguns casos os/as potenciais candidatos/as (particularmente as mulheres).

A maior parte das/os bolseiras/os entrevistadas/os eram casados ou viviam em união de facto na altura de realização da entrevista. Destes, cerca de 22% haviam migrado enquanto solteiros/as pelo que a decisão de deixar o país de origem não envolveu preocupações sobre o impacte dessa decisão nos/as respectivos/as parceiros/as.

Quadro 1 - Homens e mulheres entrevistados/as segundo a situação conjugal

	Homens		Total
	Mulheres		
Solteiros/as	33	29	62
Casados/as	27	15	42
União de Facto	22	22	44
Divorciados/as	-	1	1
Relação duradoura	3	7	10
Total	85	74	159

Fonte: Entrevistas

Entre as pessoas entrevistadas que têm companheiro/a, cerca de 60% viviam juntos no país de acolhimento, situação essa que era mais frequente entre os homens do que entre as mulheres, ou seja, é maior para as mulheres a probabilidade de estarem separadas dos seus parceiros durante o período de duração da bolsa.

Inquiridos sobre possíveis motivos que justificassem os baixos níveis de participação feminina no TMR, um dos factores apontados (em maior número pelas mulheres) foi precisamente a necessidade do processo implicar mobilidade. Para além de haver mais mulheres a levantarem esta questão, as respostas de homens e mulheres foram bastantes diferentes. Os homens, em geral, fazem referências globais aos problemas levantados pela mobilidade para todos/as os/as bolseiros/as, apenas referindo a influência do género no caso de existirem crianças. As mulheres, por seu lado, referem-se repetidamente aos impactes dos processos migratórios no relacionamento com os parceiros, sugerindo que os papéis tradicionais de homens e mulheres se manifestam, em contexto migratório, num cenário típico em que é a mulher a "acompanhar" o elemento masculino do casal.

Os argumentos apresentados para este modelo de mulheres essencialmente "acompanhantes" variam: desde a prioridade dada pelos homens à carreira profissional, em detrimento da relação pessoal com a companheira, até a uma questão de escolha por parte das mulheres, recusando-se a partir sem os respectivos companheiros.

Um dos factores que mais influenciam a decisão de emigrar prende-se naturalmente com a inserção profissional do/a parceiro/a. A relutância em partir reflecte com frequência a dificuldade em equilibrar duas carreiras - encontrando-se ambas, em muitos casos, numa fase de formação e/ou consolidação. Da análise das entrevistas resulta claro que as mulheres referem mais frequentemente a necessidade de conciliar as suas perspectivas de mobilidade com os projectos profissionais dos respectivos parceiros do que a situação inversa (25% contra apenas 10%). Por outro lado, não existe um único caso em que a mulher afirme que o parceiro a acompanharia sem levar em consideração a sua própria carreira (o inverso contudo, surge em várias situações), nem tão pouco qualquer situação em que a mulher se sinta totalmente livre para emigrar, levando o seu parceiro sem antes tentar arranjar forma de conciliar as carreiras de ambos (atitude contrária foi, uma vez mais, possível identificar entre os homens bolseiros entrevistados).

Uma vez tomada a decisão de acompanhar o parceiro, os impactes do processo migratório sobre a carreira profissional das mulheres apresentam-se frequentemente como extremamente negativos: dificuldade de inserção profissional, dificuldade de obtenção de equivalências entre as habilitações profissionais no país de origem e no país de acolhimento, sujeição a uma mobilidade profissional descendente, entre outras.

Convirá, contudo, realçar a existência de algumas actividades, nomeadamente as que se relacionam com carreiras profissionais baseadas no tele-trabalho ou com uma forte componente informática, nas quais a mobilidade de um país para outro não parece afectar de forma negativa a prossecução dessas carreiras.

A situação mais comum entre as mulheres que acompanharam os maridos ou companheiros neste percurso migratório subjacente ao Programa TMR caracteriza-se normalmente pelo tipo de situações acima descritas e ilustradas de forma clara pelo discurso dos homens entrevistados sobre a situação profissional vivida pelas respectivas companheiras no país de acolhimento:

Q: Was it a difficult decision for her to make (to accompany him)?]

Yes, especially since she had a permanent job and she had to quit and she won't be guaranteed to have the same job when she goes back [she had a job in industry as a chemist]. She found a job [in Scotland] in the Chemistry department [although it's not as good as the one she had in Spain, she's quite happy with it]. (Bolseiro TMR).

Q: What about your wife - did she have a job in Spain?

Yes, she had a job in marketing and sales but she wasn't very happy about it so it was just the right moment for quitting that job. She's also a vet but she's not working as a vet at the moment...so she got a job as a lab assistant in the Royal hospital. (Bolseiro TMR).

My partner moved over here about a year ago. She is a part-time French teacher and she has found it quite difficult to get work here). (Bolseiro TMR).

O relato das experiências vividas pelos bolseiros TMR e respectivas companheiras confirma resultados de estudos anteriormente realizados⁷ sobre os impactes dos processos migratórios na progressão profissional das mulheres, nos quais foi possível identificar elevados níveis de desqualificação, de sub-emprego e de carreiras interrompidas entre o grupo de mulheres cuja mobilidade era determinada pela necessidade migratória do marido ou companheiro.

Neste contexto, a perspectiva de um percurso de vida onde a mobilidade continue presente para além da participação no TMR surge como mais viável nas expectativas de progressão da carreira científica dos homens investigadores. Não havendo qualquer evidência empírica de que as mulheres jovens e solteiras são menos propensas à mobilidade do que os seus colegas do sexo masculino, o período em que decorrem esses movimentos migratórios surge de alguma forma delimitado por acontecimentos e etapas ao longo do ciclo de vida dos indivíduos.

Uma análise mais aprofundada dos discursos produzidos por homens e mulheres denota que, embora confrontadas com idênticas pressões em termos de mobilidade e de mercados de trabalho, as mulheres parecem enfrentar dificuldades acrescidas de conciliação entre a sua própria carreira e a carreira do seu companheiro.

Algumas das respostas possíveis, no caso de casais em que ambos têm uma actividade profissional estável, vão desde suspender temporariamente a respectiva carreira, tentar encontrar novas oportunidades profissionais no país de acolhimento ou partir sozinho/a deixando a/o companheira/o e, nalguns casos, os filhos, no país de origem. Entre as pessoas entrevistadas no âmbito deste Projecto, a decisão de partir implicou um maior risco de separação para as mulheres do que para os homens (37% dos homens versus 48% das mulheres deixaram a família no país de origem para poderem participar no TMR).

Embora não seja sentida enquanto causa de arrependimento a decisão de partir para o estrangeiro causou em muitas destas pessoas um inegável stress emocional e uma percepção clara de esta ser uma experiência de consequências não totalmente previsíveis e de difícil repetição.

[Moving abroad] was the most difficult decision, because we wanted to be a family and stay together (Bolseira TMR).

If you want to integrate, you have to capture young people as young as you can get them. The earlier the better. Because then they leave, and... It's very unusual what I did. I've paid a very high price in my personal life, to do this mobility. (Bolseiro TMR)

The separation was very difficult. You can do it for a while but then you have to stay together otherwise you split up. (Bolseira TMR)

Por estes motivos, entre outros, não será de estranhar que os bolseiros que vivem em casal optem em geral por bolsas de menor duração, particularmente aqueles que não vivem com a/o respectivo/a companheiro/a no país de acolhimento.

⁷ Ackers (1998) op. cit. e Bonney N. e Love, J. (1991) "Gender and Migration: Geographical mobility and the wife's sacrifice", *The Sociological Review*, 39 (2):335-348.

Quadro 2 – Duração da bolsa segundo a situação conjugal, categoria da bolsa e sexo

	Homens		Mulheres	
	Duração	Numero	Duração	Numero
B20 Solteiro/a	27.8	108	28.7	75
A viver com o/a companheiro/a no país de acolhimento	29.0	45	29.0	40
A viver sozinho/a no país de acolhimento	16.7	20	21.4	12
B30 Solteiro/a	20.5	161	20.3	105
A viver com o/a companheiro/a no país de acolhimento	20.8	129	21.9	77
A viver sozinho/a no país de acolhimento	20.5	65	19.8	45

Fonte: Questionário Postal

Entre os B20 (bolseiros de doutoramento) a duração da bolsa está directamente relacionada com o facto do/a companheiro/a se encontrar ou não também a viver no país de acolhimento. Nas situações em que o/a bolseiro/a se encontra a viver sozinho/a a duração da bolsa reduz-se substancialmente. No caso dos investigadores pós-doutorados (B30) verifica-se apenas uma ligeira redução de alguns meses na duração da bolsa.

Mobilidade e responsabilidades parentais

Se os desafios da conjugalidade – numa situação de mobilidade como aquela que está subjacente à participação dos/as investigadores/as num Programa como o TMR – se manifestavam desde logo particularmente difíceis para as mulheres, as responsabilidades parentais vêm introduzir uma complexidade acrescida na decisão de partir.

Do total das pessoas entrevistadas (159), apenas 36 tem filhos e entre estas existe uma maior probabilidade para os homens de ter filhos do que para as mulheres (28% versus 15%). Este tipo de constatação coincide com os dados do questionário postal enviado à totalidade dos bolseiros TMR.

Quadro 3 – Proporção de bolseiros/as com filhos segundo a categoria da bolsa e o sexo

	B20		B30		Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Sim (%)	14 %	7 %	24 %	15 %	17 %
Não (%)	86 %	93 %	76 %	85 %	83 %
Total (n)	100 % (178)	100 % (136)	100 % (372)	100 % (236)	100 % (922)

Fonte: Questionário Postal

A maioria dos entrevistados com filhos situa-se na categoria dos/as investigadores/as pós-doutorados/as, verificando-se, contudo, e em qualquer das categorias (B20 ou B30), sempre uma menor probabilidade das mulheres terem filhos.

Quadro 4 – Número de entrevistados/as com crianças, segundo a categoria da bolsa e o sexo

	B20		B30		Total		
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Total
Tem filhos	7	2	17	10	24	12	36
Não tem filhos	28	28	33	34	61	62	123
Total	35	30	50	44	85	74	159

Fonte: Entrevistas

Uma vez mais este tipo de resultados evidencia a hipótese de que a maternidade parece colocar desafios substancialmente maiores às carreiras de investigação das mulheres do que às dos homens. A menor proporção de mulheres com filhos entre os bolseiros TMR poderá ser explicada por diversos factores: o abandono por parte das mulheres de oportunidades de prosseguir uma carreira científica, o adiamento da decisão de ter filhos ou até a decisão de não ter filhos.

It's very difficult to have a permanent job in physics and eventually I would like to have it. But I am too old and I have very few publications, that is because I am a woman with a family. (Bolseira TMR)

No, I don't think I would cope as a postdoc with children. I see another postdoc from China who has a two year old child and she is constantly tired. I don't know how she copes. Now I would quite like children but not until I find a safe job and I can spend time with them (Bolseira TMR).

When I finished my PhD I was 27 and that's when the problems start - you have a boyfriend who you don't want to leave. It's quite an effort to go to another country and leave them - but the men, they seem to take their whole families with them but if you are a woman, it is more difficult to convince your boyfriend to come with you

A conjugação da vida familiar (sobretudo quando pressupõe a existência de filhos) com a progressão de uma carreira científica é encarada com cepticismo por parte de muitas das investigadoras entrevistadas, mesmo daquelas que ainda não constituíram família: muitas referem que a responsabilidade de criar e educar os filhos não é compatível com as exigências de uma carreira que envolva mobilidade, trabalho fora de horas e disponibilidade a tempo inteiro. Para além disso, algumas referem ainda que tendo atingido a idade "óptima" para ter filhos, poderão perder essa oportunidade se mantiverem as suas ambições em termos de carreira científica.

I don't have children. Well, I think that it is one of the main characteristics of women working in the academic area. (...) It seems that if you want to be involved as much as possible into research you must postpone a bit the desire to have children. (...) The system implicitly forbids us to lead the two projects in parallel: having children and progressing into our career. (Bolseira TMR)

If you want to have family and children you have to do it at a certain point in your career and to go to that point back to science is almost impossible.

Q: Why is almost impossible?

Because, I am talking about the situation in Germany, sooner or later you are longing for a permanent position, you don't want to go from a three year project to another three year one.

Q: Would the impact on your career be different if you were a man?

I have no idea. In a way probably it would be different because I would like to have children. I am start counting how old I can be before making a break. (Bolseira TMR)

I myself would like to have children and I haven't. I have sacrificed all that and there are women who do not have children at younger ages because they want to keep on with their studies, do their PhD and that's a choice. (Bolseira TMR)

Para as/os investigadoras/es com filhos que participam no TMR, a decisão de emigrar torna-se pois particularmente difícil aquando da existência de filhos. Os impactes desta presença reflectem-se a diversos níveis da vida pessoal e profissional das mulheres e homens investigadoras/es, variando em função de factores que vão desde a idade dos filhos, até ao número de filhos e ao tipo de suportes (formais ou informais) disponíveis.

Um primeiro aspecto que, embora de natureza aparentemente pessoal e familiar, pode afectar de forma negativa a progressão da carreira profissional dos/as bolseiros/as prende-se com o tipo de integração social conseguida nos países de acolhimento. Assim, é possível verificar que a intensidade e a duração das relações sociais estabelecidas dependem claramente da interacção entre a situação familiar e as características da instituição/país de acolhimento, quer ao nível profissional, quer socio-cultural. No caso dos/as bolseiros/as que vivem com os respectivos filhos é possível identificar uma espécie de fechamento sobre a própria família e uma redução significativa dos contactos com o exterior.

I would say, being here with my family, I spend time together with our small kid and the kids, also I don't really have much time, and we are happy with that. I think we are not suffering from lack of integration. If I was here by myself maybe also I would have behave differently, I would look for integration more, so maybe I would also find more. (Bolseiro TMR)

Yes, everything that we do is now very limited to the nuclear family, everything has become narrower, the relationship is much narrower than before, simply because other contacts have completely disappeared. The relationship has become more intense, but not in the positive sense, it has become more problematic. For her (his wife) the situation is that her only social contacts are with her children and me. (Bolseiro TMR)

Este tipo de movimento de retracção sobre a família afecta naturalmente o tipo de actividades sociais em que a família participa e pode comprometer a possibilidade de consolidar redes de contactos profissionais, referidas como essenciais para a progressão na carreira científica.

Um outro aspecto relaciona-se com a idade dos filhos que parece ter uma importância decisiva no tipo de impactes referidos pelas pessoas entrevistadas, nomeadamente no que se refere aos problemas e obstáculos a enfrentar.

Quando existem crianças em idade escolar, e que se encontram a meio do seu percurso educativo, o receio de problemas de integração destas num novo ambiente - numa nova escola, uma nova linguagem, um novo país - pode constituir um obstáculo real à decisão de levar os filhos consigo ou mesmo de partir.

Actually, I have chosen these countries, Sweden and Switzerland, in favour of other countries because it would be relatively easy to send the children to school here (Bolseiro TMR)

Yes, when you have children is always difficult [to move]. I came with the youngest, the oldest one could not come with me in January, there is no French school here. (Bolseira TMR)

No caso da presença de crianças em idade pré-escolar são menos os problemas de integração das crianças no novo ambiente. Porém, por outro lado e face à maior probabilidade de uma ausência de suportes de natureza informal no país de acolhimento, torna-se notória a preocupação manifestada pelos pais e mães

de crianças em idade pré-escolar com a possibilidade de acesso a serviços de acolhimento das crianças.

Nalguns casos, porém, foi possível identificar o reconhecimento de que a mobilidade pode constituir também uma experiência positiva para as crianças foi igualmente objecto de referência por parte dos/as entrevistados/as:

It was very nice for my child, because she was with an English childminder, so she is speaking English and French fluently (Bolseira TMR).

To come with a family is perfectly possible, but when children are big enough to learn to read and write. (...) they learn a language much quicker than we do, they don't have a great integration problem, so I think they profit from the stay abroad more than we do (Bolseiro TMR).

Para além das considerações feitas pelos/as entrevistados/as sobre a ausência de suportes de natureza informal de apoio às crianças, foram vários os comentários feitos a propósito dos sistemas de apoio social nos diferentes países europeus e das possibilidades (ou impossibilidades) decorrentes do funcionamento desses sistemas.

While we were completing our medical studies, my wife and me, my mother-in-law took care of our son. (...) Now we have a woman coming, looking after the kids during the day-time. In Germany, it isn't an organised day-care like in Sweden. It doesn't exist. (Bolseiro TMR)

In Portugal it still works a lot that grandparents give a lot of support and pick up the child from the day-care and take them home before mother and father come... That still works a lot. (Bolseira TMR)

Q: Has it been easy for you to find a day care or a nursery school for your son?

Not particularly! I've been told that he will not be accepted in a State nursery because he didn't speak Greek. I had also asked if he could be enrolled in the nursery of the University. I've been told that he couldn't because I don't belong to the permanent staff of the University and I'm not a student either. Finally I met accidentally a French lady who lives in [Greece] for years, and she helped me to find a good nursery school (Bolseira TMR)

Os principais obstáculos e dificuldades referidos pelas pessoas entrevistadas relativos ao tipo de estruturas de apoio disponíveis nos países de acolhimento vão desde a ausência/ insuficiência de estruturas públicas de apoio à infância (referida sobretudo pelos/as bolseiros/as a residir nos países do Sul da Europa) até às questões dos horários e dos critérios de elegibilidade, frequentemente desajustados às necessidades dos/as investigadores/as. Contrariamente ao que sucede nos países do Sul, nalguns países do Norte da Europa o funcionamento das creches e infantários (horários reduzidos e idades "elevadas" para admissão das crianças) encontra-se organizado de forma a encorajar uma participação reduzida das mães (das mães e/ou dos pais, nalguns casos) no mercado de trabalho, associada à disponibilidade de benefícios e incentivos às famílias com filhos em idade pré-escolar. Nestas situações, os/as investigadores/as vêem-se confrontados/as com uma situação difícil que exige ou uma disponibilidade do/a parceiro/a, a interrupção da bolsa ou o recurso a soluções privadas (e dispendiosas) que nem sempre correspondem às melhores opções para as crianças.

It was hard also because we were planning to bring our baby to a nursery but it is impossible to get a place in France in public child care: we live in the suburbs and there are only three public child care centres for a city of 50000 inhabitants, with 12 places in

each of those centres. So a total of 36 places. So there is no way we can get any place of that kind for our child so we have a "nourrice" (childminder) and that's working quite well for us. We would prefer him to be in a bigger group of children (Bolseira TMR)

Por uns motivos ou por outros, o facto é que a maior parte das avaliações negativas sobre o funcionamento dos sistemas de protecção social nos países de acolhimento provém dos/as bolseiros/as cujos filhos também se encontram a viver no país de acolhimento.

Neste contexto, e considerando que estas dificuldades se revestem de um maior peso - objectivo ou subjectivo - num país com características socio-culturais distintas do país de origem, torna-se evidente que a mobilidade dos/as investigadores/as com responsabilidades parentais pode ser (e é) afectada de forma mais negativa do que a mobilidade daqueles/as que não têm esse tipo de responsabilidades.

Para aqueles/as que não têm essas responsabilidades parentais o tipo de avaliação expressa sobre os tipos de apoio e de protecção social evidenciam outro tipo de problemas e de dificuldades. Em primeiro lugar - e de forma muito generalizada - a referência explícita à necessidade de mais e melhor informação sobre questões de natureza prática com as quais os/as bolseiros/as têm de se confrontar nos países de acolhimento. Referimo-nos nomeadamente à possibilidade de cobertura pessoal ou familiar através de seguro, autorizações de residência, impostos e condições de acesso ao sistema nacional de saúde ou de segurança social.

I had the initial problems with, for example, I had to have an Aufenthaltserlaubnis (residence permit). This was very hard, because this took 4 months to get, and I still don't understand why I need one, because I'm a European citizen, and I asked to have a right of recognition to live in Germany and work in Germany, and I thought this was not necessary. And it is necessary. It takes a lot of time to do it, and this was one of the very few times I really felt I'm a stranger here, and as a stranger in a country you have problems (Bolseira TMR)

One needs a personal number and for a personal number one needs a residential permit and the residence permit lasts several weeks so... I was a bit upset about all this waiting and filling in applications. (Bolseiro TMR)

A existência de inúmeras "incompreensões" e obstáculos a diversos níveis, dificulta claramente o processo de integração dos/as investigadores/as, transformando o processo de mobilidade residencial e profissional no interior da União Europeia num processo difícil e cansativo onde as "fronteiras" ainda perduram.

Iniciativas que permitam aumentar, sistematizar e disponibilizar a informação disponível ao nível dos países de acolhimento serão seguramente bem-vindas, no sentido de "suavizar" o processo de integração social e profissional de investigadores/as que optaram - por vezes com constrangimentos importantes - por um percurso de profissionalização, no qual a mobilidade intra-europeia parece constituir um imperativo cada vez maior.

Referências bibliográficas

Ackers, H.L. (1998) *Shifting Spaces. Women, Citizenship and Migration within the EU*, Bristol: Policy Press.

Ackers, H.L. (coord.) (1999) *The Participation of women researchers in the HCM and TMR programmes of the European Commission* (relatório de pesquisa).

Bonney N. e Love, J. (1991) "Gender and Migration: Geographical mobility and the wife's sacrifice", *The Sociological Review*, 39 (2):335-348.

Boyle, P.J. et al (1999) "Microdata for migration analysis: lessons from a cross-national study of the effects of family migration on partnered women's employment status", *International Journal of Population Geography*, Vol.5, pp. 157-178.

Teichler, U. e Maiworm, F.(1997) *The ERASMUS experience. Major findings of the ERASMUS Evaluation Research Project*, Brussels: CEC.